

AMAZÔNIA

A imagem do isolamento

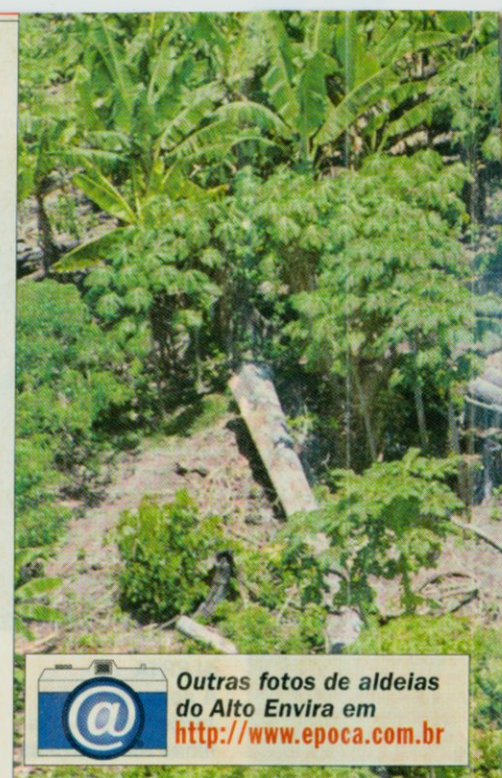
Um índio fotografado na fronteira com o Peru mostra como são os homens que sobrevivem graças à distância que mantêm da civilização

RONALD FREITAS (TEXTO) E
ROBERTO SETTON (FOTOS), DE FEIJÓ (AC)

Em 6 de agosto de 1945 uma bomba atômica lançada pelo bombardeiro americano *Enola Gay* riscou do mapa a cidade de Hiroshima, no Japão. Três dias depois o cogumelo atômico voltou a deixar o rastro de morte em outra cidade japonesa, Nagasaki. Na manhã do dia 10 de dezembro, 55 anos depois do início do ciclo do terror nuclear, em que duas cidades desapareceram em segundos, um índio armou-se do rudimentar arco e flecha para abater o monomotor PT-WTM. Nu, pernas e testa envoltas por cascas de árvores, mirou o

avião em que viajava o governador do Acre, Jorge Viana. Queria proteger a plantação que garante a sobrevivência da tribo e as palhoças em que mora, próximas às margens brasileiras do Rio Envira, que nasce no Peru e corta o Acre ao meio. Na região de floresta densa, inacessível por terra, aviões não são novidade. Mas nunca um exemplar daquela tribo fora visto por um branco.

As aldeias protegidas pelo índio foram descobertas há dois anos nos municípios de Feijó e Jordão, no oeste do Acre, por técnicos da Fundação Nacional do Índio (Funai). Estão a 480 quilômetros de Rio Branco, capital do Estado. Nas clareiras abertas na mata há plantações e construções rústicas de madeira e palha. As



Outras fotos de aldeias do Alto Envira em <http://www.epoca.com.br>



INGENUIDADE Com arco e flecha, o índio (no alto e no destaque) mira o avião que sobrevoa a aldeia em que vive, numa clareira (ao lado) aberta na Floresta Amazônica



Flagrantes históricos

Imagens de índios são provas de maturidade da sociedade

Os gestos belicistas dos índios e o caráter histórico são as únicas semelhanças entre a imagem acima, captada pelo fotógrafo Pedro Martinelli, em 1973, e a foto maior que ilustra esta reportagem. A história que segue a cada uma delas é capaz de determinar a existência de um povo. Os crenacaros fotografados por Martinelli foram praticamente dizimados depois do contato com os brancos que se seguiu ao retrato. Agora, a política da Funai é evitar a aculturação e, por consequência, o genocídio. Mantida a disposição dos sertanistas, a imagem colhida por Roberto Setton, de ÉPOCA, poderá ser repetida como prova da sobrevivência indígena.

COMO ANTES DO DESCOBRIMENTO

Índios que jamais fizeram contato com homens brancos vivem na fronteira do Brasil com o Peru



menores estão perto dos roçados. Acredita-se que sejam usadas como depósito de rudimentares ferramentas agrícolas. As maiores são alongadas – chegam a medir 15 metros – e estão suspensas por palafitas, parcialmente escondidas pela floresta. Os “malocões”, nome dado pelos brancos, são as casas em que vivem as famílias. Não há vestígio de conforto urbano. “É tudo o que se sabe sobre os índios isolados do Envira”, diz o antropólogo Antônio Pereira Neto, administrador regional da Funai no Acre e no sul do Amazonas.

A população indígena oficial do Acre é de 9.343 habitantes e inclui apenas os índios aculturados. Representam 1,8% da população total e vivem em metade dos 22 municípios, numa área de 2,1 milhões de hectares. Pertencem a 12 etnias que falam idiomas derivados dos troncos lingüísticos pano e aruaque. A fronteira do Brasil com o Peru é o habitat ideal para índios isolados. A localização leva a crer que se comuniquem numa língua originária do pano. Pereira acredita que há três tribos isoladas na região: a do Alto Envira, uma que vive nas cabeceiras do Igarapé Riozinho e os mascos, que migram para o Envira no verão, de julho a setembro. A geografia ajuda a entender o isolamento de séculos. As árvores de até 30 metros de altura formam uma barreira natural. Nos

rios sinuosos da região, a caça é farta e os peixes abundantes.

Feijó, a cidade mais próxima da aldeia, fica a quatro dias de barco a motor. A remo, a viagem pode durar dois meses. Os índios cultivam cana-de-açúcar, mandioca, inhame, batata-doce, mamão, mamona, banana e oaca, arbusto com folhas de poder entorpecente. Maceradas e misturadas à farinha de mandioca, as folhas de oaca são jogadas nos rios. Os peixes que mordem a isca se embriagam e são pescados com a mão. Outra razão para a distância entre os isolados e a civilização branca é a mudança da política de proteção adotada pelos sertanistas da Funai. Até o final dos anos 80, acreditava-se que a melhor maneira de preservar os índios era aculturá-los. A integração provocou verdadeiros genocídios. “Houve populações reduzidas a um terço depois do contato”, afirma o sertanista José Carlos Meirelles Júnior.

Foi assim com os índios crenacaros. Contatados em 1972, no norte do Mato

Grosso, terminaram sendo praticamente dizimados por doenças transmitidas pelos brancos, principalmente a tuberculose. Anos depois, apenas 10% da população havia sobrevivido. Em 1987, numa histórica reunião em Brasília, os sertanistas decidiram que evitar o contato seria a melhor maneira de garantir a sobrevivência dos cerca de 30 povos isolados que vivem no Brasil. “Esses povos têm o direito de ser autônomos”, diz Meirelles. A decisão marcou o início de um novo capítulo na história dos índios do Acre. No final do século XIX, eles eram mortos para permitir a exploração dos seringais. A partir de 1912, passaram a ser escravizados por causa da entrada no mercado da borracha da Malásia. O preço do látex brasileiro despencou, os nordestinos abandonaram os seringais e os índios foram obrigados a substituí-los. Mão-de-obra gratuita, foram confundidos com seringueiros. Atribuiu-se a esse fato a versão de que os índios do Estado

tinham sido extintos. A tese prevaleceu até 1974, quando o sertanista José Porfírio de Carvalho “redescobriu” os índios acreanos.

Para cumprir a diretriz de 1987, Meirelles mudou-se para o alto de um barranco do Rio Envira, confluência com o Xinane, no ano seguinte. A 20 quilômetros da fronteira com o Peru, instalou a primeira frente de proteção etnoambiental da Funai, de onde tenta impedir a entrada de madeireiros e seringueiros nas terras dos isolados e dos campos, culinas e caxinauás, etnias aculturadas. A palhoça onde dormiu nos primeiros dias deu lugar a duas casas de madeira e palha, confortáveis para os padrões da floresta.

São as últimas casas do Brasil. “Ou as primeiras, dependendo do ponto de vista”, diz o sertanista. Numa, vivem o indigenista José Áureo de Castro e oito funcionários que trabalham na frente. Na outra, Meirelles, a mulher, Tereza, e o filho Henrique.

Um poço escavado em fevereiro garante água limpa. A do rio é barrenta. O fogão a gás acabou com a fumaça dentro de casa. Um gerador movido a óleo diesel fornece energia elétrica e permite aos Meirelles o luxo de ter um freezer no meio da mata. "Não somos mais obrigados a comer somente carne-seca", diz Tereza. Uma placa solar faz funcionar o rádio com que se comunicam diariamente com a Funai, em Brasília, e com os três filhos mais velhos, em Feijó. A mais nova conquista dos Meirelles é um telefone celular via satélite, que lhes permite falar com qualquer lugar do mundo, ao custo de R\$ 7 por minuto. A Funai paga a despesa, mas está longe de garantir-lhes segurança.

Há dois anos os índios isolados haviam incendiado a única casa que existia no local. No dia 26 de outubro do ano passado, por volta do meio-dia, outro susto. Cerca de 50 homens armados de arco e flecha ocuparam o banco de areia que surgiu no leito do rio com a estiagem. Miravam a casa em que estavam cinco integrantes da frente de proteção.



ACULTURADO Campa veste roupas feitas com algodão plantado e tecido na tribo

temidos por sua bravura – no começo do século, os seringueiros os trouxeram do Peru para dizimar as tribos que moravam nos seringais –, foram na frente para evitar uma nova surpresa contra os brancos. Os vestígios deixados pelos

bravos revelaram o grau de isolamento em que vivem. Munição, combustível, roupas, ferramentas, açúcar e sal estavam intactos. Levaram machados, facas, linhas, panelas e terçados. Mataram galinhas, patos e cachorros. O risco constante de um ataque não desanima o indigenista. Castro deve comandar a força-tarefa que o governador Jorge Viana promete instalar no Rio do Ouro, no município de Jordão. Meirelles defende a instalação da nova base desde 1989, mas nunca houve verbas federais. Durante a visita ao local, o governador prometeu liberar R\$ 420 mil nos próximos dois anos para financiar a instalação e custear o funcionamento da base. É o preço que os brancos pagam para manter o isolamento.

Os brancos desceram o Rio Envira até a aldeia Bananeira, dos índios campas, onde foram acolhidos. Fizeram contato com a Funai, que chegou em socorro pelo ar. Num sobrevôo, foram lançados combustível, roupas e comida. Dois dias depois, Castro voltou ao local de onde tinha sido expulso. Os índios campas,

Os "índios bravos", como os isolados são chamados pelos aculturados, não são simpáticos aos sertanistas. Os adultos foram para o barco em silêncio, sem esboçar nenhuma reação. Não foram atacados, mas fugiram em pânico levando apenas a roupa que tinham no corpo, as armas, o rádio e a bateria. Deixaram o combustível de reserva e a placa solar. "Achei que seríamos trucidados", admite Castro.

Os brancos desceram o Rio Envira até a aldeia Bananeira, dos índios campas, onde foram acolhidos. Fizeram contato com a Funai, que chegou em socorro pelo ar. Num sobrevôo, foram lançados combustível, roupas e comida. Dois dias depois, Castro voltou ao local de onde tinha sido expulso. Os índios campas,

No tempo da floresta

Sem pressa, os homens brancos esperam a vida passar no Acre

Na casa de José Carlos Meirelles Júnior, no Alto Envira, o relógio tem uma única serventia: marcar a hora em que o sertanista fala diariamente com o escritório da Funai em Rio Branco. O tempo passa devagar para os brancos. Para os índios, não existe. Os campas e os culinas que moram às margens do rio não sabem sequer o dia da semana. Ali não se comemora o Natal. A entrada em 2001 será mais uma noite seguida de um dia. Nascida em Tarauacá, o terceiro maior município do Acre, e criada em seringais, a auxiliar de enfermagem Tereza Meirelles está acostumada à vida simples. Come o que o marido caça e pesca. "Mas tem dia em



COMUNIDADE A quatro dias de barco de Feijó, a cidade mais próxima, a família Meirelles tem como vizinho o indigenista Castro, que vive às margens do Envira

que sonho com um chocolate amargo", diz. A fartura da floresta muitas vezes não sacia o indigenista José Áureo de Castro. "Às vezes dá vontade de comer sanduíche com Coca-Cola", diz ele. A quilômetros da cidade, o jeito é esperar o tempo passar.

